

O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS: IDENTIDADE E NEUROCIÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

DAMACENA, Ester.

ZANATTA, Mayara

RESUMO: Este artigo analisa o conto *O Espelho*, de Machado de Assis, em diálogo com a neurociência. Busca-se compreender como a experiência narrada por Jacobina encena fenômenos hoje investigados pela ciência, como a alteração da percepção do tempo em situações de isolamento, a despersonalização gerada pela ausência de estímulos sociais e a influência de objetos e olhares externos na construção da identidade. A leitura literária é entendida não apenas como fruição estética, mas como prática que mobiliza processos cognitivos e afetivos, oferecendo ao sujeito um espaço simbólico para elaborar emoções, empatia e consciência de si. A análise indica que a solidão de Jacobina dilata o tempo e fragiliza seu senso de identidade, em consonância com estudos psicanalíticos e neurocientíficos sobre os efeitos do isolamento. O espelho e a farda surgem como símbolos de um eu dependente do reconhecimento alheio. O estudo conclui que Machado antecipa debates contemporâneos sobre a mente humana e reafirma a literatura como campo essencial de reflexão e humanização.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Neurociência, Identidade, Solidão, Empatia.

THE MIRROR OF MACHADO DE ASSIS: IDENTITY AND NEUROSCIENCE OF LITERARY READING

ABSTRACT: This article analyzes Machado de Assis's short story *The Mirror* through an interdisciplinary dialogue between literature and neuroscience. It examines how Jacobina's experience reflects phenomena currently investigated by science, such as altered time perception in isolation, the despersonalization caused by the absence of social stimuli, and the influence of external elements in the construction of identity. Literary reading is understood not only as aesthetic enjoyment but also as a practice that engages cognitive and affective processes, offering the subject a symbolic space to elaborate emotions, empathy, and self-awareness. The analysis indicates that Jacobina's solitude stretches his perception of time and weakens his sense of identity, aligning with psychoanalytic and neuroscientific studies on the effects of isolation. The mirror and the uniform emerge as symbols of a self dependent on external recognition. The study concludes that Machado anticipates contemporary debates on the human mind and reaffirms literature as an essential field for reflection and humanization.

KEYWORDS: Literature, Neuroscience, Identity, Solitude, Empathy

¹Graduanda e Letras, edamacena@minha.fag.edu.br

²Mestre em letras, mayarafank@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura e ciência tem sido objeto de interesse crescente, sobretudo quando se busca compreender como a arte de narrar pode dialogar com campos do conhecimento que investigam a mente e a subjetividade humanas. Entre essas intersecções, destaca-se o diálogo entre literatura e neurociência, capaz de revelar como a experiência estética da leitura ultrapassa a mera decodificação de palavras, mobilizando processos cognitivos, afetivos e neurais.

Nesse horizonte, o conto *O Espelho*, de Machado de Assis, oferece um terreno fértil para analisar de que forma a ficção literária encena fenômenos que também são investigados pela ciência contemporânea, tais como a percepção do tempo, os efeitos do isolamento social e a construção da identidade.

O problema central que orienta esta reflexão pode ser formulado nos seguintes termos: de que maneira o conto *O Espelho*, de Machado de Assis, pode ser interpretado, à luz da neurociência, como representação literária de fenômenos ligados à percepção temporal, à identidade e às emoções humanas?

A escolha por esse recorte justifica-se por múltiplas razões. Em primeiro lugar, a literatura machadiana, notória por sua profundidade psicológica, permite observar como a ficção pode antecipar discussões sobre a subjetividade que a ciência apenas sistematizaria mais tarde. Em segundo lugar, o estudo estabelece um diálogo interdisciplinar entre literatura, psicologia e neurociência, ampliando a compreensão de como a leitura literária atua sobre a mente humana. Por fim, ao evidenciar a função cognitiva e empática da literatura, este trabalho aponta para sua relevância no campo educacional, uma vez que a leitura literária contribui para a formação crítica e sensível do sujeito.

Diante desse contexto, o objetivo geral deste ensaio teórico é analisar como *O Espelho* encena fenômenos relacionados à vivência humana que também são investigados pela neurociência, especialmente a percepção do tempo em situações de solidão, a despersonalização diante da ausência de estímulos sociais e a formação da identidade.

No desenvolvimento dessa proposta, busca-se identificar, na narrativa de Jacobina, elementos que dialogam com conceitos da neurociência, examinar

como o isolamento e a falta de referências sociais afetam sua experiência subjetiva e refletir sobre o papel da literatura como espaço simbólico que permite compreender processos neurológicos e afetivos de forma humanizada.

No que diz respeito à estrutura, este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresenta-se uma discussão teórica acerca da leitura literária e suas funções, com ênfase em sua ação neural. Em seguida, realiza-se a análise do conto *O Espelho*, de Machado de Assis, considerando as experiências de Jacobina sob uma perspectiva literária e neurocientífica. Por fim, discutem-se as implicações desse diálogo interdisciplinar para a compreensão da literatura como experiência estética, cognitiva e social. Ressalta-se, desde já, que este trabalho configura-se como um **ensaio teórico de base bibliográfica**, fundamentado em referenciais da teoria literária, da psicologia e da neurociência.

2 LEITURA LITERÁRIA: CONCEITOS E FUNÇÕES

Definir a literatura é uma tarefa que se impõe como um desafio complexo, permeado por contradições e nuances. Terry Eagleton (1983), em sua obra “Teoria da Literatura”, aponta que a tentativa de delimitar o que é literatura deve considerar a multiplicidade de contextos históricos e culturais em que as narrativas são produzidas. Um texto que em determinada época é tido como “literário” pode, em outro momento, perder tal título, evidenciando que a classificação literária não é uma essência imutável, mas um conceito que se transforma ao longo do tempo. Obras que outrora foram exaltadas como expressão máxima da cultura, podem cair no esquecimento ou serem reinterpretadas à luz de novas sensibilidades. O próprio cânone literário é um reflexo da sociedade que o constrói, e o que é valorizado como literatura em um contexto, pode ser marginalizado em outro, ilustrando o caráter dinâmico e fluido da arte literária.

A definição de literatura envolve, portanto, um jogo contínuo entre tradição e inovação, entre permanência e mutabilidade. Em cada período histórico, valores estéticos, sociais e filosóficos são atribuídos aos textos, moldando o que se compreende como literário. O que para uma geração é visto como obra-prima,

para outra, pode se tornar ultrapassado ou irrelevante. A literatura é, portanto, um reflexo e uma ressignificação constante da condição humana, adaptando-se às visões de mundo que surgem em diferentes contextos históricos e culturais.

A distinção entre literatura e outros tipos de texto não é facilmente definida. Como ressalta Eagleton (1983):

Se a teoria literária existe, parece óbvio que haja alguma coisa chamada literatura, sobre a qual se teoriza. Podemos começar, então, por levantar a questão: o que é literatura? Muitas têm sido as tentativas de se definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede. (Eagleton, 1983, p. 1).

Personagens e narrativas de videogames interativos vivem aventuras fictícias, mas não são considerados literatura; por outro lado, textos religiosos podem ser interpretados tanto como verdade histórica quanto como ficção, dependendo da crença de quem os lê. O crítico russo Roman Jakobson (2008) propôs que a literatura se destaca ao transformar a linguagem comum em algo singular, rompendo com a comunicação trivial e elevando-a a uma expressão artística onde o ordinário se revela extraordinário. Ao afirmar que a linguagem literária é marcada por um desvio do uso cotidiano, Jakobson reforça a ideia de que a literatura se constitui pela sua capacidade de transgredir normas linguísticas, criando efeitos estéticos únicos.

Anatol Rosenfeld (2002), em sua obra "A Personagem de Ficção", apresenta uma visão abrangente ao considerar que a literatura, em seu sentido mais amplo abarca tudo que é fixado por letras, desde textos científicos até bilhetes e receitas. No entanto, ao discutir o conceito de "belas letras", Rosenfeld destaca que seu diferencial não está necessariamente na beleza textual, mas em seu caráter fictício ou imaginário. Essa delimitação do campo literário baseia-se em uma lógica que permite distinguir entre textos que apenas informam e aqueles que, ao se afastarem da mera descrição incontestável, exploram universos possíveis e simbólicos.

Ernest Cassier (1953 *apud*. Martins, 2008), afirma que a literatura, ao afastar-se da realidade empírica e elevar-se a um universo simbólico, possibilita ao ser humano alcançar uma compreensão mais profunda da realidade, pois não

apenas reproduz o mundo, mas o interpreta e o ressignifica. Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832), um dos maiores escritores e pensadores do Romantismo alemão, em consonância com essa perspectiva, argumenta que a arte possui uma natureza paradoxal: ao mesmo tempo em que dela nos afastamos, aproximamo-nos da essência da existência. Essa dialética entre afastamento e proximidade é o que configura a experiência literária, distinguindo-a de outros modos de leitura, como a leitura técnica ou informativa, orientadas por finalidades pragmáticas e imediatas, enquanto o texto literário transcende o útil e o funcional, oferecendo ao leitor uma experiência estética e reflexiva.

Hans Robert Jauss (1994) introduz o conceito de “horizonte de expectativas”, enfatizando que a leitura literária é uma experiência dinâmica na qual o leitor confronta suas expectativas prévias com os elementos inovadores da obra. Essa interação provoca um estranhamento que desafia o leitor a reconsiderar sua percepção e a ampliar sua compreensão estética. Desse modo, o horizonte de expectativas revela como o contexto cultural e histórico influencia a recepção de um texto literário.

Completando essa perspectiva, Wolfgang Iser (1996) destaca que o texto literário contém lacunas e indeterminações que exigem a participação ativa do leitor para preenchê-las, tornando-o coautor na experiência estética única, na qual o leitor é transformado pela leitura, não apenas assimilando informações, mas engajando-se em um processo reflexivo que reconfigura sua visão de mundo.

Sendo assim, se a literatura é o espelho que reflete e ressignifica a condição humana, a leitura literária é o ato de se perder e se encontrar diante desse espelho. Não é apenas decifrar palavras, mas mergulhar em universos simbólicos, onde emoções, ideias e visões de mundo se entrelaçam.

A leitura literária, diferente de outros tipos de leitura, como a técnica ou a informativa, não se limita a uma busca imediata por dados ou informações objetivas. Ela transcendeu o simples decifrar de signos, pois, como destaca Candido (2004), a literatura exerce uma função urbanizadora ao organizar palavras em uma construção estética que desperta emoções, reflete visões de mundo e permite ao leitor reconhecer e questionar as contradições da experiência humana.

Candido (2004) aponta que a literatura atua através de três aspectos fundamentais: como objeto autônomo, enquanto expressão de emoções e visões de mundo, como forma de conhecimento e como senso comum. O primeiro aspecto refere-se à construção da obra como uma unidade estética, onde o conteúdo e a forma se entrelaçam de maneira indissociável. É essa organização estética que permite a literatura resistir ao que Calvino (1990) denomina. “epidemia pestilenta”, um fenômeno que reduz a linguagem a um uso genérico e descuidado.

No segundo aspecto, a literatura manifesta emoções e visões de mundo dos indivíduos e dos grupos, permitindo ao leitor entrar em contato com diferentes perspectivas e realidades, desenvolvendo sua empatia e ampliando seu imaginário. Já o terceiro aspecto, mais valorizado pelo senso comum, reconhece a literatura como uma fonte de conhecimento, não apenas no sentido informativo, mas como uma forma de compreensão profunda da experiência humana. A literatura não é a única forma de expressão, mas observa o mundo com mais sensibilidade do que a imagem e atua de maneira mais poderosa do que os documentos — e isso já basta para assegurar seu valor eterno (Compagnon 2012).

Contudo, a leitura literária não se limita à decodificação de palavras. Ela exige uma interpretação ativa, na qual o leitor não apenas compreende o texto, mas se envolve com ele, preenchendo suas lacunas e refletindo sobre seu significado:

A obra literária é uma espécie de objeto construído e é grande. O poder humanizador dessa construção enquanto construção. [...] a produção literária, tira as palavras Do Nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador. (Candido, 1989, p. 114)

Isso significa que, ao entrar em contato com o texto literário, o leitor é desafiado a expandir sua percepção de mundo, a questionar conceitos e a desenvolver uma sensibilidade crítica.

É neste sentido que a leitura literária se diferencia de outras leituras, pois não busca apenas transmitir informações, mas provocar uma experiência estética e reflexiva. Ao invés de oferecer respostas prontas, ela convida o leitor a explorar universos simbólicos, reinterpretando o mundo ao redor e a si mesmo.

2.1 LEITURA LITERÁRIA E SUA AÇÃO NEURAL

A relação entre o Eu e o Tu, conforme delineada por Martin Buber, não se estabelece no suporte da linguagem utilitária, mas na profundidade do encontro existencial:

A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A unção e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando-se Eu que digo Tu. (Buber, 2009, p. 49)

O outro pode ser o sujeito só se for plenamente humano — ou seja, só se for um Tu. É no instante em que reconheço o outro não como um objeto, mas como um Tu. Este Tu não é redutível, não é classificável, não é instrumentalizável. Ele é presença. E é nessa presença que o Eu se constitui.

A empatia, nesse contexto, emerge como o ponto de fusão entre dois mundos interiores que se atravessam sem suprimir. Não se trata de confundir-se com o outro, mas de reconhecê-lo em sua alteridade radical. Mais que mecanismo afetivo, é uma experiência ontológica. É o gesto silencioso de quem compreende sem possuir, de quem sente sem invadir, de quem se oferece ao mundo do outro sem abandoná-lo a si mesmo.

A neurociência, ao mapear circuitos cerebrais ativados em experiências empáticas, fornece os contornos físicos dessa dinâmica, mas não esgota sua essência. O que Buber (2009) sugere — e o que a literatura muitas vezes traduz com profundidade — é que a empatia não nasce apenas da compreensão intelectual ou da imitação emocional, mas da relação autêntica entre sujeitos. Trata-se de uma disposição de abertura, de presença, de escuta. Um modo de ser no mundo que desafia a lógica instrumental do cotidiano.

Essa disposição empática, apontada como gesto de abertura e escuta, encontra na literatura um campo fértil de cultivo e expansão. Pois se a empatia, conforme Buber (2009), nasce do reconhecimento do outro como um Tu, é na arte das narrativas literárias que esse encontro se encena com maior intensidade simbólica. A literatura opera como um lugar de sonho e de hospitalidade: nela,

acolhemos consciências distintas como se nos fossem nossas, abrindo os olhos para as histórias que não vivemos, dores que não sentimos e desejos que jamais ousaríamos confessar.

A leitura literária, portanto, ocupa um papel singular na constituição das experiências humanas mais profundas, tais como a empatia, a sensibilidade e o raciocínio crítico. Para além do mero processamento linguístico, a literatura convoca a mente à vivência de experiências simbólicas e instigantes em sua complexidade emocional, afetiva e moral. A psicologia cognitiva e a neurociência têm reconhecido com ênfase o valor dessas experiências, sugerindo a leitura literária como potente agente de transformação cognitivas e afetivas.

O conceito de empatia, fundamental à convivência humana, encontra na literatura uma via privilegiada de exercício e aprofundamento. Conforme Abrantes (2014), a empatia pode ser compreendida como uma forma de “sentir-se no outro”, tanto no plano afetivo, quanto no cognitivo, ativando representações neurais que simulam as emoções alheias. Esse processo não é puramente conceitual, mas corpóreo: envolve áreas cerebrais que são acionadas tanto na experiência direta de uma emoção quanto na observação ou leitura de sua descrição narrativa.

Nesse sentido, o sistema dos neurônios-espelho, identificado por Gallese et. al. (1996 *apud*. Abrantes, 2014), revela-se central. Tais neurônios permitem que o cérebro, ao representar uma emoção observada em uma personagem, ative internamente os mapas corporais correspondentes àquela emoção, conduzindo o leitor a uma experiência autêntica de compartilhamento empático (Wojciehowski; Gallese, 2011 *apud* ABRANTES, 2014).

2.2 A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO EM “O ESPELHO”: UM OLHAR LITERÁRIO E NEUROCIENTÍFICO

Essas reflexões teóricas sobre a literatura e sua ação neural encontram no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, um campo fértil de análise, pois a narrativa de Jacobina encena literariamente processos de percepção, identidade e empatia que a neurociência também investiga.

O objetivo é observar como suas experiências de solidão, de perda momentânea da própria referência e de reconhecimento de si dialogam com

conceitos da neurociência, em especial aqueles relacionados à percepção do tempo, à formação da identidade e à influência dos sinais externos na consciência humana. Assim, a literatura não será tratada apenas como ficção, mas como uma narrativa que encena fenômenos humanos que também são investigados pela ciência.

A solidão constitui um dos elementos centrais da experiência narrada por Jacobina. Quando ele afirma: “Nunca os dias foram mais compridos... as horas batiam de século a século no velho relógio” (p.4), observa-se como o isolamento altera sua percepção do tempo, transformando cada instante em um peso quase insuportável. A literatura psicanalítica confirma que “a solidão constitui uma importante fonte de sofrimento psíquico e um fator frequente na busca de tratamento psicológico” (Salem, 2022, p. 17).

Mais ainda, ela é descrita como uma condição que “se tornou uma experiência endêmica” em nossa contemporaneidade, sendo reconhecida como capaz de gerar não apenas dor psíquica, mas também desorganização do próprio sentido de continuidade existencial (Salem, 2022, p. 18).

Assim, o prolongamento do tempo vivido por Jacobina ecoa a constatação clínica de que a solidão extrema paralisa a subjetividade e rompe a experiência fluida da temporalidade. Nesse sentido, Machado de Assis, ao descrever o tique-taque interminável do relógio, antecipa o que hoje a psicanálise e a neurociência indicam: que o isolamento radical não é apenas ausência de companhia, mas um fenômeno que desestrutura a percepção interna do tempo e intensifica o sofrimento do sujeito.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a fala de Jacobina, não é mero ornamento descritivo: é a condensação sintomática de um deslocamento ontológico da experiência temporal provocado pela solidão. Em primeiro plano, Machado registra a dissociação entre o tempo cronológico (o relógio, o tique-taque mensurável) e o tempo vivido, isto é, a duração subjetiva que o sujeito sente no corpo e na mente.

Na cena, o relógio deixa de ser um instrumento neutro e converte-se em agente dramático: seu tic-tac não marca apenas passagem, mas ecoa como “diálogo do abismo”, transformando cada segundo em um peso existencial. Tal imagem corresponde, fenomenologicamente, ao que descrevem as ciências

cognitivas como dilatação do tempo subjetivo em estados de baixo estímulo sensorial e alto estado afetivo — aqui, a aridez relacional.

Quando a vida social se esvazia, faltam ao sujeito os “marcadores” ambientais e intersubjetivos que fragmentam e estruturam o fluxo temporal (encontros, conversas, tarefas partilhadas); sem esses marcos, o presente estica-se, e o sujeito experimenta uma continuidade opressiva, não uma sucessão fluida de momentos.

Aprofundando para além da metáfora, modelos neurocognitivos oferecem hipóteses consistentes com a cena machadiana: a percepção temporal depende de processos atencionais e de modulação dopaminérgica que registram e codificam eventos como unidades de duração; a ausência de estímulos sociais e a intensificação da ruminação elevam o tempo de vigília interna e diminuem a ocorrência de eventos externos salientes — resultado: menos “pontos de ancoragem” para a mensuração subjetiva do tempo e consequente sensação de lentidão prolongada.

Paralelamente, estados de solidão prolongada tendem a amplificar a atenção voltada para o próprio corpo e para pequenos sinais (o relógio, o silêncio), hipervalorizando-os e concedendo-lhes caráter existencial — o que Machado capta ao transformar o tic-tac em “cochicho do nada”. Soma-se a isso a desregulação do sono e do ritmo circadiano que frequentemente acompanha o isolamento; alterações nesses ritmos agravam ainda mais a sensação de que os dias se estendem indefinidamente.

Do ponto de vista clínico e psicanalítico — perspectiva que dialoga diretamente com a sensibilidade do texto — a solidão pode adquirir tonalidade paranoide, traumática ou narcísica; em qualquer dessas modulações, porém, a experiência temporal sofre mutações: a ansiedade e o temor, quando persistentes, “esticam” o presente em direção a um futuro incerto e ameaçador; a desesperança transforma o passado em memória pesada, e o futuro em horizonte fechado, resultando numa sensação global de eternidade sofrida.

Machado, com sua agudeza psicológica, não descreve apenas um homem aborrecido; encena um sujeito cuja relação com o tempo foi reconfigurada pela perda das trocas sociais e simbólicas que conferem sentido e ritmo à existência.

Em síntese, ao reunirmos as leituras já realizadas — a dilatação temporal provocada pela solidão, a vivência de despersonalização que reduz o sujeito a um autômato e a cena do espelho que restitui a farda como sinal constitutivo do eu — torna-se evidente um encadeamento conceitual: Machado de Assis não compõe meramente episódios psicológicos isolados, mas constrói uma máquina narrativa que demonstra como o ser humano se desfaz e se refaz à medida que lhe faltam ou lhe retornam os interlocutores e os símbolos que o nomeiam.

A solidão reconfigura a duração vivida e fragiliza os marcadores intersubjetivos do tempo; essa erosão temporal e social abre caminho para estados de despersonalização — a sensação de “defunto andando” — em que a experiência integrada do eu perde coesão; por fim, o espelho e a farda revelam que a recomposição do sujeito depende de reconhecimento externo, de imagens e ritos sociais que funcionam como âncoras do *self*.

À luz dos saberes contemporâneos — da fenomenologia à neurociência social —, o conto inscreve, com notável perspicácia, a hipótese de que a identidade é processo relacional e simbólico, não uma substância autoexistente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura atenta do conto *O Espelho*, de Machado de Assis, à luz dos aportes da neurociência, conduz à constatação de que a literatura se constitui como um espaço singular de elaboração simbólica da experiência humana. Longe de ser mero artifício estético, a narrativa machadiana revela-se como um laboratório da subjetividade, onde se encenam, em chave ficcional, processos de percepção, identidade e afeto que a ciência apenas viria a sistematizar em linguagem teórica.

A experiência de Jacobina, marcada pelo isolamento, pela dilatação do tempo e pela fragilização do eu, demonstra que a ficção não se limita a registrar a vida interior, mas é capaz de dramatizar as tensões mais profundas da consciência, antecipando hipóteses hoje confirmadas pela psicologia e pela neurociência. Tal constatação confere ao texto literário um estatuto que ultrapassa a fruição estética: ele se torna também via de conhecimento e de investigação da mente humana em sua complexidade.

O diálogo interdisciplinar aqui proposto evidencia, ainda, que a leitura literária possui relevância não apenas no plano individual, mas também no social e no pedagógico. Ao ativar processos cognitivos e empáticos, ela contribui para a formação de sujeitos mais críticos, sensíveis e abertos à alteridade, reafirmando sua função humanizadora em tempos nos quais a experiência da solidão e da fragmentação identitária se tornam cada vez mais presentes.

Conclui-se, assim, que *O Espelho* de Machado de Assis não é apenas uma narrativa do século XIX, mas um texto que atravessa épocas e saberes, convocando a literatura e a ciência a se encontrarem no território comum da condição humana. Ao encenar, com lucidez e sutileza, a vulnerabilidade e a reconstrução do eu, a obra machadiana confirma que a literatura, em diálogo com a neurociência, não apenas reflete a realidade, mas a reinscreve, iluminando dimensões da existência que o discurso puramente científico não alcança.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Ana Margarida. Narrativa e empatia. Lições do cérebro e da literatura. **Povos e Culturas**, n. 18, p. 195-207, 2014.
- ALMADA, Leonardo Ferreira. Narratologia cognitiva: uma introdução. **Revista Ideação**, v. 1, n. 45, p. 373-391, 2022.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CHAGAS, Pedro Ramos Dolabela; DE ANDRADE MOREIRA, Anny Clarissa; DA SILVA LOPES, Felipe Silva. As funções da literatura. **Revista de Direito, Arte e Literatura**, v. 7, n. 1, p. 96-114, 2021.
- DE ALMEIDA, Leonardo Pinto. A experiência total da leitura literária. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 2, p. 143-158, 2014.
- EAGLETON, Terry; DUTRA, Waltensir. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ECKERMAN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida**. LeBooks Editora, 2019.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Editora Cultrix, 2008.
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. Unesp, 2003.
- MARTINS, Maria Helena. O que é literatura. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: tessituras, interações, convergências**. 2008.
- NASCIMENTO, C. A. do. O lugar da leitura literária no século XXI. DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.2i2.0003. **Muitas Vozes**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 199–210, 2014.
- SANTOS, Rosemary Conceição dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido da. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 2, p. 767-794, 2018.
- SALEM, P. Variações psicanalíticas sobre a solidão. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, [S. l.], v. 42, n. 2, p. 17–25, 2023. DOI: 10.51356/rpp.422a2. Disponível em: <https://rppsicanalise.org/index.php/rpp/article/view/100>. Acesso em: 19 set. 2025.
- TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. UNESP, 2006.

VANDENBERGHE, Frédéric. Do estruturalismo ao culturalismo: a filosofia das formas simbólicas de Ernest Cassirer. **Sociedade e Estado**, v. 33, p. 653-674, 2018.